**“DUREZA: A ÚNICA MÁSCARA POSSÍVEL” – UM ESTUDO DE VIDAS
SECAS, DE GRACILIANO RAMOS**

Nathan Bastos de Souza¹

Resumo: Neste trabalho, discutiremos especialmente a obra *Vidas secas* de Graciliano Ramos, à luz de uma abordagem teórica advinda da crítica literária (A. Candido, A. Rama), da análise de discurso social (M. Angenot) e da filosofia (M. Foucault) com o objetivo de analisar a hipótese de Alfredo Bosi de que a “dureza é a única máscara” possível no romance de Ramos. Com vistas a essa perspectiva, o artigo apresenta três seções: na primeira delas revisamos a literatura crítica a respeito do romance e do autor nordestino; na segunda seção apresentamos a teorização as relações de poder e sobre o jogo entre dissidência e hegemonia no discurso; na terceira seção uma leitura do romance, em que fazemos incidir as categorias teóricas levantadas. Ao final, concluímos que a hipótese de Bosi pode ser tratada como tese, já que a resistência das personagens do romance (em forma de ausência de linguagem e de embrutecimento) se transforma em dureza, por isso a única máscara possível para lutar contra a seca e os homens.

Palavras chaves: Graciliano Ramos; Estudos literários; Estudos do Discurso.

Abstract: In this work, we will especially discuss the work *Dried Lives* of Graciliano Ramos, in the light of a theoretical approach derived from the literary criticism (A. Candido, A. Rama), from the analysis of social discourse (M. Angenot) and philosophy (M. Foucault) with the aim of analyzing Alfredo Bosi's hypothesis that "hardness is the only mask" possible in Ramos' novel. In this perspective, the article presents three sections: in the first one, we review the critical literature about the novel and the author of the Northeastern; In the second section we present the theorization of power relations and the game between dissidence and hegemony in discourse; In the third section a reading of the novel, in which we focus the theoretical categories raised. In the end, we conclude that Bosi's hypothesis can be treated as a thesis, since the resistance of the characters of the novel (in the form of lack of language and brutalization) turns into hardness, so the only possible mask to fight the drought And men.

Keywords: Graciliano Ramos; Literary studies; Discourse Studies.

Tinha a obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nasceria com

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestrando junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSCar). Graduado em Letras – Língua Portuguesa, Espanhola e literaturas respectivas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). nathanbastos600@hotmail.com

esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão.

Era sina.

(Graciliano Ramos)

Primeiras palavras, adentrando o universo de *Vidas Secas*

Graciliano Ramos (1892-1953) fez parte do grupo que a crítica literária veio a “batizar” posteriormente como “romancistas de 30”. Tal grupo, conforme os historiadores e críticos da literatura Alfredo Bosi, Antonio Candido e José Aderaldo Castello, se firmou na proposição de buscar o lugar, trazer a identidade regional com seus aspectos de maior crueza. Uma pequena ressalva a respeito da inserção de Ramos no grupo de 1930, de acordo com Candido (1989) e Camilo (2013) algumas das obras do autor, como *Caetés* e *Angústia*, a despeito de reportarem a paisagem e o homem no espaço geográfico nordestino, não enfatizam a problemática regional, ou seja, tratam-na mais periféricamente.

De acordo com Candido (1989), o decênio de 1930 é um “termômetro” de uma orientação que se manifestaria com toda a força nos anos de 1950. Os escritores dos anos de 1930 expressam um trânsito entre as noções de “país novo” e de “país subdesenvolvido”. A primeira noção fomentada por um lado pelo “adquirido”, mesmo que metaforicamente, com a independência e pelo “construído” na literatura romântica (ou seja, tendo como parâmetro o século XIX), isto é, a ideologia do “país novo” manifesta essa consciência amena do atraso, conduzindo a “uma literatura que compensava o atraso material e a debilidade das instituições por meio da supervalorização

dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social” (CANDIDO, 1989, p. 142). Por outro lado, a noção de “país subdesenvolvido”, retratava “a tomada de consciência da nossa diferença, traduzida em termos de miséria e atraso” (CAMILO, 2013, p. 576). Nesse sentido, o grupo do romance de 1930 apresenta como característica mais marcante o fato de que é preciso um engajamento político, revestido de engajamento social, no trato das questões do subdesenvolvimento.

Candido (1989) afirma que a consciência plena do subdesenvolvimento é posterior à II Grande Guerra, mas já é possível perceber lapsos dessa percepção no romance regionalista de 30, que abandona a amenidade e a curiosidade dos ares pitorescos e ornamentais da abordagem do homem do campo², pressentindo o mascaramento da realidade e destruindo-o. Além disso, “Não é falso dizer que [...] o romance [de 1930] adquiriu uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos”. (CANDIDO, 1989, p.141). Nesse momento histórico e literário, temos um movimento forte no nordeste brasileiro e de lá floresceram autores grandes como: Raquel de Queirós, José Lins do Rego, Jorge Amado (em sua primeira fase).

Neste trabalho, discutiremos especialmente a obra *Vidas secas* de Graciliano Ramos, à luz de uma abordagem teórica advinda da crítica literária e da análise de discurso social com o objetivo de analisar a hipótese de Alfredo Bosi de que a “dureza é a única máscara” possível no romance de Ramos.

² Como acontece, por oposição, no romance regionalista de José de Alencar, ver, por exemplo, *Til*. Ou mesmo a tipificação do índio como bom selvagem em *Iracema*, *O Guarani* e *Ubirajara*, do mesmo autor.

A dureza como máscara, a resistência e a hegemonia no jogo das relações de poder

Rama (1985) explica a formação das cidades na América Latina com o objetivo de descrever como sua construção determina – até hoje – as relações de poder nesse continente. É importante ressaltar que, antes de uma revisão da teoria do autor, os episódios de sua narrativa se sobrepõem e constituem a cidade atual.

O autor inicia seu traçado desde o período de chegada dos europeus, em que as construções, à revelia do padrão urbano da Europa medieval/renascentista, foram totalmente planejadas, de modo que as cidades latinoamericanas demonstram uma ordem que justifica o poder. Em toda a extensão da América Latina “[...] surgirão cidades ideais [...] [as quais] Serão regidas por uma razão ordenadora que se revela em uma ordem social hierárquica transposta para uma ordem distributiva geométrica” (RAMA, 1985, p.26).

Esse primeiro período é o denominado “cidade ordenada”, já que o modelo “situava o poder no ponto central [da cidade] e distribuía ao seu redor, em sucessivos círculos concêntricos, os diversos estratos sociais” (RAMA, 1985, p.27). O que implica, ao fim, que a ordem social se dá por meio de uma realidade física, ou seja, a própria constituição da cidade nesse primeiro momento impõe o poder sobre o continente em período de colonização, acarretando que o poder se institua pela geografia das cidades:

No centro de toda a cidade, conforme diversos graus que alcançavam sua plenitude nas capitais vice-reinais, houve uma cidade letrada que compunha o anel protetor do poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais. Todos os que manejavam a

pena estavam estreitamente associados às funções do poder (RAMA, 1985, p.43).

A constituição e manutenção desse anel do poder, que se instala no centro da cidade ordenada é que produz o segundo momento da constituição da cidade no trabalho de Rama (1985): “a cidade letrada”. E é nesse ponto que nos interessa revisar a teoria do crítico literário uruguaio para tratarmos do romance de Graciliano Ramos, ao que retornaremos mais adiante. A supremacia da cidade letrada se deu por dois motivos: 1 – seus membros constituíam um grupo restrito e drasticamente urbano; mas, o mais importante se deve a 2 – o paradoxo de que os membros da cidade letrada eram os únicos exercitantes da letra num meio desguarnecido de letras, os donos da escritura numa sociedade analfabeta puderam se institucionalizar³.

Nessa perspectiva, a constituição das cidades na América Latina causa o efeito de manutenção do poder nas mãos de um mesmo grupo através da história (o grupo letrado, os mais favorecidos economicamente também), o que nos permite ligar essa noção ao problema apontado por Candido (1989) a respeito da consciência de “país subdesenvolvido”. Essa mesma noção dá a entender que os escritores ao escolherem a perspectiva social para os romances, de maneira geral no que se refere ao romance de 30, pretendem desenvolver uma crítica social, problematizando a realidade de exploração do homem sertanejo. Se, por um lado, o poder ao se encapsular no “anel”, na expressão de Rama (1985), causa o efeito de hegemonia, a dissidência se instala por outro lado.

A produção de hegemonia e de dissidência se dá não porque de um lado existem opressores e oprimidos de outro, mas, conforme

³ O percurso de Rama (1985) se estende até quase a atualidade, com os seguintes episódios que preferimos omitir visto nosso objetivo: “Cidade escriturária”, “cidade modernizada”, “A polis se politiza” e “A cidade revolucionada”.

Foucault (2015), o poder é onipresente:

Não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda a relação entre um ponto e outro. O poder está em toda a parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares (FOUCAULT, 2015, p.101).

Já que o poder é microfísico, está em toda parte, a produção de uma resistência se dá como unidade, como fecho, com a produção de hegemonia. Em outros termos, hegemonia e dissidência se produzem simultaneamente, porque “Onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 2015, p.104-105). No campo estratégico das relações de poder, em que se forjam as resistências e as dissidências, não existe no que se refere ao poder, um lugar de recusa, não há “alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário” (FOUCAULT, 2015, p.104). Há, por outro lado, resistências, amplas e no plural: “possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício” (idem).

Nesse sentido, como veremos na análise, parece que a dureza como sugerido pela hipótese de Bosi (2006), é a maneira que a família de Fabiano teve de resistir ao mundo agreste que o sertão lhes mostrava. A maneira como a seca os obrigou a perambular pelo sertão, em busca de uma saída para viver com mais dignidade, trabalhando quase como escravos nas mãos do dono da fazenda e sendo fustigados pelo poder dos mais letrados – o soldado amarelo – ou seja, tudo isso atua como hegemonia sobre os retirantes em *Vidas secas* – a seca como força da natureza (contra a qual é impossível lutar), o fazendeiro como força do capital e o soldado amarelo como

força política (contra as quais Fabiano não sabe lutar) obrigam-nos a reagir. A reação de Fabiano, de Sinha Vitória e dos filhos é um reflexo das resistências possíveis que produzem (o silêncio diz muito, nesse sentido). Para usarmos os termos de Foucault (2015), são resistências “espontâneas” e “solitárias” – porque aprendidas com as relações humanas minguadas que travam com outros, mais “matutadas” que discutidas, mais naturais que reacionárias; também, “fadadas ao sacrifício”, o que implica, para o caso de Fabiano, ser preso injustamente e não poder discutir, ser explorado e não receber o suficiente, e não poder reclamar. Em outros termos, a dureza é a máscara dos reticantes para o mundo de exploração que se instala no sertão, é o modo como se esbarram com o poder.

Nos termos de Rama (1985), a cidade letrada cria essa diferenciação entre os que frequentam o anel do poder e os que compartilham o que o autor denomina a “periferia do poder”. Essa diferença que produz a cidade letrada e os habitantes das zonas rurais nos serve para a análise de *Vidas secas*, de modo que para o caso dos sertanejos seu modo de resistência é o silêncio. Mas a plasticidade da cidade letrada, obstinada em adaptar-se, provoca nas forças dissidentes a separação, o estilhaçamento.

Conforme Angenot (2015), a hegemonia continua sempre pesando sobre a lógica do grupo, de maneira que seu processo é de desmantelamento da resistência ao seu redor. Os grupos menores de resistência, a despeito da impermeabilidade que imaginam ter, são atacados a todo o momento pelas forças hegemônicas. É o que acontece com Fabiano quando o soldado amarelo o leva preso, sem motivo; a força do estado, nesse caso, busca se impor, fragmentando o grupo de resistência. Essa discrepância da família de Fabiano – enquanto grupo de resistência – em relação às instâncias do poder do-

minante – o soldado e o fazendeiro – é fatalmente fragmentada pela força da hegemonia, que com seu enorme poder de aglomeração e de gravidade tenta explodir os pequenos grupos, “poderíamos dizer que a hegemonia favorece o fracionamento das periferias e esse fracionamento múltiplo responde ainda à sua própria lógica” (ANGENOT, 2015, p. 37). Por fim, o isolamento dos grupos minoritários, como é o caso da família de retirantes em *Vidas secas*, favorece que a cidade letrada se mantenha sob a égide da hegemonia em que sempre esteve. O silenciamento que a hegemonia produz na família de Fabiano, travestido em ausência de linguagem, é a única máscara possível, a dureza é a forma de resistir ao mundo agreste que lhes é apresentado.

A resistência na periferia se dá somente de uma maneira: a coesão dos grupos minoritários é “obtida pela imposição dogmática de uma contraviolência simbólica” (ANGENOT, 2015, p.38). No caso de *Vidas secas*, a contraviolência simbólica é transformada em ausência de linguagem: o modo de a família resistir ao universo sertanejo é a supressão da linguagem e a animalização que o meio produziu, como aponta Bosi (2006).

Angenot (2015) demonstra um ponto contraditório no que se refere às diferenças entre forças hegemônicas e forças de resistência. Segundo o autor canadense, o analista de discurso social deve observar como os pensamentos contestatórios provindos da periferia do poder se constituem de modo direto (por infiltração) ou indireto (pelo esforço da própria dissidência) da hegemonia. É preciso demonstrar como o discurso de contestação se constitui no discurso que repele, isto é, que o discurso dominante “infiltra-se constantemente nas dissidências” (ANGENOT, 2015, p.38). Assim, é importante ressaltar que a respeito de *Vidas secas*, como nos excertos que apresenta-

mos adiante, Fabiano em um momento se diz “homem”, depois volta atrás com medo que alguém além dos meninos tenha escutado. Isso permite afirmarmos que, por um lado, “ser homem”, na perspectiva de Fabiano, é ser de outra classe, daquela que ele como “cabra” não pertence e não tem condições ultrapassar (voltaremos a isso em outros exemplos, na análise).

Uma análise de *Vidas secas* à luz da máscara da dureza

Conforme Bosi (2006) em Graciliano Ramos, de maneira geral, as personagens resistem às pressões da natureza e da vida social; Fabiano faz isso, é um resistente à seca, mas essa resistência não é sem custo. O herói é produto do meio, de acordo com o teórico brasileiro, suas atitudes frente à realidade que se apresenta são meramente a repetição de um comportamento socialmente aceito em sua época. Graciliano Ramos via em cada personagem “a face angulosa da opressão e da dor” (BOSI, 2006, p.429), a excelência de seus conflitos é a personagem, ela é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. A dureza a única máscara possível, as personagens de Graciliano Ramos reagem cada uma a sua maneira ao mundo.

O romancista intuiu admiravelmente a condição subumana do caboclo sertanejo, com sua consciência embotada, a sua inteligência retardada, as suas reações devidas a reflexos condicionados por um sofrimento secular, por sua vez determinado pelas relações do homem com a própria paisagem e pela passividade ante os mais poderosos. Desta maneira, ao investigar o sentido de um destino coletivo, ele nos dá realmente a medida do homem telúrico no seu estado primário, autômato e passivamente indiferente, nivelando-se com animais, árvores e objetos (CANDIDO e CASTELLO, 2006, p. 342).

A afirmação de Candido e Castello (2006) se confirma na apresentação do cenário e das personagens:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os **infelizes** tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala (grifo nosso) (RAMOS, 2010, p. 9).

Esse fragmento da primeira página do romance, ademais de apresentar uma paisagem que é repelente ao ser humano, na primeira menção aos retirantes os substantiva como “infelizes”, adjetivando-os, logo adiante, como cansados e famintos. No enunciado seguinte, começado por “Ordinariamente andavam pouco” não fosse o estado flagrado antes, de que eram “infelizes” e andavam “cansados e famintos”, a cena os desqualifica ainda mais, ou seja, não fosse a infelicidade que vivem, o estado em que estão, caminham muito pouco, o que torna sua retirada ainda mais demorada.

A folhagem dos juazeiros, que quanto mais desejada, mais distante, tornava-se uma miragem no caminho dos retirantes. Mais adiante, um dos filhos do casal caiu e se recusava a levantar, prevendo que a sombra desejada era apenas uma miragem da caatinga: “Os juazeiros aproximaram-se recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. - Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai” (RAMOS, 2010, p. 9). Fabiano levanta a criança aos berros, brigando com o faminto menino que se joga no chão sem forças de caminhar mais. Essa primeira menção ao menino, chamado de “condenado do diabo” pelo próprio pai, pode justificar o narrador ter utilizado “os infelizes” para dizer dos retirantes na primeira menção.

Primeiramente, note-se que a criança não é nem nomeada, o que reforça a hipótese de Candido e Castello (2006), as personagens são niveladas com os animais ou objetos.

Destarte, quando lemos a narrativa daquela família de retirantes famintos e cansados, notamos que a linguagem é tão supérflua no ambiente em que estão que se torna natural não falar ou não se comunicar. Isto é, falar não é preciso, a resistência à natureza e à opressão dos outros é levada a cabo por meio da animalização, o narrador lhes toma a possibilidade de produzir linguagem porque a relação do homem telúrico com a paisagem prescinde de linguagem. A família de retirantes levava consigo dois animais, a cachorra Baleia e um papagaio, os animais, especialmente a primeira, servem de contraponto com os humanos. Em consequência da fome, Sinha Vitória tem a ideia de aproveitar o fato de que o papagaio não falava para comê-lo:

Resolvera de supetão aproveitá-lo [o papagaio] como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre [a mudança] viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas (RAMOS, 2010, p. 11-12).

Esse trecho de texto é revelador de algumas questões: há uma repetição formal, o advérbio “ordinariamente” qualificando uma segunda vez a vida dos retirantes, agora “Ordinariamente a família falava pouco”. Flagramos assim o que parece um segundo lamento do narrador, a primeira é a respeito da impossibilidade de que andem tão pouco na retirada (passagem da página 9 citada acima) e agora, lamentando a inexistência de linguagem, o que é agravado, segundo percebemos pela passagem “E depois daquele desastre” que funciona como marcador temporal, indicando um passado ainda desconhe-

cido pelo leitor em que a família falava um pouco mais. Também nessa passagem podemos ver que a resistência à natureza faz calar, o que é sugerido por meio dessa noção de marcação temporal, isto é, contra a seca não há o que dizer, o que causa essa ausência de linguagem, substituída por palavras curtas, grunhidos ou silêncio completo. Outra questão que a passagem permite vislumbrar é o uso do verbo “aproveitar” para tratar do papagaio, inicialmente um animal de estimação (não criado para o consumo), mas que por ser “mudo e inútil” pode ser “aproveitado” para um bem maior, aplacar, ao menos um pouco, a fome que os quatro traziam.

“A família falava pouco” é a justificativa tanto para a impossibilidade do papagaio em falar, já que esse animal apenas imita os sons que ouve e isso fazia com que arremedasse, por consequência, somente os latidos de Baleia e os ruídos que Fabiano produzia no trato dos animais. Esse mesmo enunciado aproxima os retirantes ao animal, já que nem mesmo o papagaio falava.

Em um momento da narrativa em que Fabiano fala, das poucas vezes nas mais de cem páginas que o narrador registra uma fala dele, ele pronuncia, feliz com a situação de bonança que vivia, tendo emprego e teto:

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, **ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros.** [...] Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:
-Você é um bicho, Fabiano (grifo nosso) (RAMOS, 2010, p.18-19).

Para um sujeito que é apresentado como desprovido de lin-

guagem, se autodenominar em terceira pessoa é um fato curioso. Uma hipótese para isso é que essa voz que fala em Fabiano não é a própria voz, a passagem em negrito que destacamos deixa entrever que o narrador sugere essa pista, ou seja, o narrador concorda que Fabiano não é um homem. Por outro lado, também é interessante perceber o par de enunciados que Fabiano produz. Chamemos, para fins de análise de [1] “Fabiano, você é um homem” e de [2] “Você é um bicho, Fabiano”. A construção do enunciado se dá pelo mesmo esquema sintático, a saber, uma frase simples em que aparece o pronome “você”, o verbo “ser” conjugado na primeira pessoa do singular no presente do indicativo, seguido de determinante que precede “homem” em [1] e “bicho” em [2], a diferença entre elas é apenas uma inversão do vocativo. No caso do enunciado [1] em que Fabiano fala de si em voz alta uma característica boa, o vocativo vem diante do enunciado; para o caso de [2], o enunciado é negativo, funcionando como retificação para o primeiro em que figura o elogio, a inversão de posição do vocativo (para o fim do enunciado) e a informação do narrador de que Fabiano afirma isso “murmurando” deixa entrever a tristeza de Fabiano ao concluir retificando sua afirmação anterior. Em outros termos, o desejo de Fabiano em “ser homem” se contrapõe à autoconsciência de que se trata “apenas [de] um cabra ocupado em guardar coisas dos outros”, por fim, é um homem diminuído pela função que ocupa.

Vemos aqui um flagrante do que Angenot (2015) assevera a respeito do discurso dos dissidentes, o autor canadense afirma que se trata de um discurso que se constrói via infiltração ou esforço da própria dissidência. No excerto que analisamos, poderíamos dizer que a voz de [1] é a voz da resistência de Fabiano dizendo dele o que o próprio sertanejo pensa a seu respeito rejeitando a voz hegemônica que

produz seu silenciamento e o subjuga por saber e poder mais. Ao mesmo tempo, em [2] a voz da hegemonia, ou da cidade letrada, para retomarmos Rama (1985), faz Fabiano retificar o próprio enunciado, olhando em torno “com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente”. O fato de que o narrador destaca essa imprudência da frase demonstra o quanto estão em jogo nos dois enunciados as relações de poder.

Em outro trecho, em uma passagem da narrativa em que se informa sobre as crianças, vemos um retrato de Fabiano e de Sinha Vitoria dado pelo narrador em que se ilustram alguns motivos de a família não falar quase nunca.

[Sinha Vitoria] deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. E eles estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. **Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.**

- Está aí.

Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito (RAMOS, 2010, p. 22).

Em um primeiro momento, a imagem desenhada das crianças, brincando na lama, “como porcos”, demonstra o que viemos discutindo, de que a dureza é a única máscara possível, já que as comparando com animais se justifica a ausência de nomes próprios e a ignorância completa, com a qual o pai se dá muito bem. Os excertos “deixava os filhos soltos no barreiro [...]” e “E eles estavam perguntadores, insuportáveis” parecem se imbricar, de forma que a conjunção “e” que inicia o segundo excerto liga o desleixo de Sinha Vitoria com as crianças (primeira frase) e o fato de que estão “perguntadores, insuportáveis” (na segunda), ou seja, da mesma forma que o pai (já que o narrador afirma a respeito de Fabiano que convivia muito bem

com a ignorância), Sinha Vitoria considera que se os meninos estivessem brincando como porcos não estarão fazendo perguntas.

É preferível, nesse sentido, a ignorância completa que a possibilidade de ficarem perguntadores e, por consequência, insatisfeitos. As perguntas que o narrador coloca no fim do primeiro parágrafo citado acima deixam entrever a máscara a que fazemos referência desde o início, perseguindo a hipótese de Bosi (2006): os meninos não têm o direito de serem “perguntadores, insuportáveis”, porque não tem o direito de saber, já que Fabiano “é um bicho”, nas palavras da própria personagem, conforme o enunciado que analisamos anteriormente (trecho das páginas 18-19 citado acima). Por consequência, se “Fabiano é um bicho”, as crianças também são. Ter ou não ter o direito de saber é uma característica, conforme o que viemos discutindo, dessa dureza usada como máscara. Não ter de saber ou se recusar, como acontece mais de uma vez no que se refere a Fabiano, é uma das maneiras que os retirantes em *Vidas secas* utilizam para ampliar as formas de resistência. Se “onde há poder há resistência”, se “o poder é micrifísico”, retomando a perspectiva de Foucault (2015), calar e animalizar-se são as formas de resistência que Fabiano e a família desenvolveram.

Mais adiante, Fabiano produz outro enunciado positivo a seu respeito, como aquele que analisamos anteriormente:

- Um homem, Fabiano.

Coçou o queixo cabeludo, parou, reacendeu o cigarro. Não, provavelmente não seria homem: **seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos**, quase uma rês na fazenda alheia (Grifos nossos) (RAMOS, 2010, p.24).

Quando analisamos acima os enunciados que Fabiano utilizou para falar de si mesmo, o que denominamos, para fins de análise, [1]

“Fabiano, você é um homem” e [2] “Você é um bicho, Fabiano” (RAMOS, 2010, p.18-19), demonstramos que o contraponto entre [1] e [2] era no caso do primeiro, a voz do sertanejo denunciando a infiltração do discurso hegemônico (desejo de ser de outra classe social), e, no caso do segundo, a autoconsciência de que, mesmo querendo ser outro, não pode ser, porque trabalha de empregado e essa é sua sina. O enunciado “Um homem, Fabiano”, que chamaremos de [3], utiliza a mesma estrutura sintática de [1] e [2] com elipse do pronome “você” e mudança de posição do vocativo (nos casos anteriores, o vocativo precedia o enunciado positivo [1] e sucedia o enunciado negativo [2]). No caso citado acima, [3] apresenta um juízo positivo de Fabiano sobre si mesmo, que não é como no par [1] e [2] proposição e retificação em voz alta, mas que é consertado pelo narrador, ao afirmar que chamaremos [4] “Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia”. Em [4] aparece a oposição entre ser “homem” e ser “cabra”, retomando de forma paralela [1] e [2]: os enunciados ímpares [1 e 3] apresentam juízo positivo e os enunciados pares [2 e 4] apresentam juízo negativo (é flagrante a retórica do narrador: demonstra o argumento positivo na voz de Fabiano, logo o refuta, com a voz da personagem em 2 e do próprio narrador em 4). Essa análise permite afirmar que “ser homem”, como no primeiro caso, é o discurso dissidente infiltrado pela hegemonia; no segundo caso, os enunciados pares ser “bicho” [2] e “cabra” [4] apresentam o discurso da resistência, da “dureza”, da “máscara”, nos termos de Bosi (2006).

Essa visão de mundo reduzida pela “dureza” da resistência ao mundo agreste em *Vidas secas*, como encontramos no discurso de Fabiano, já se estende a um dos meninos:

O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguido como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, **com movimentos fáceis de entender** (grifo nosso) (RAMOS, 2010, p.57).

A relação do menino com Baleia é mais humanizada que dele com os pais – haja vista não conversar com eles, mas contar uma história, mesmo que baixinho, para a cachorra – e dos pais entre si, já que “Na verdade nenhum deles [Fabiano e Sinha Vitoria] prestava atenção às palavras do outro” (RAMOS, 2010, p.64) ⁴. Percebe-se que as características de Baleia são contraponteadas com os humanos, pois a cachorra consegue interagir, ao seu modo, com a história do menino, mesmo que o vocabulário da criança seja extremamente minguido como o do papagaio. O trecho “Baleia respondia com o rabo, com a língua, **com movimentos fáceis de entender**” permite afirmar que Baleia tem algum discernimento, enquanto o menino (e sua família também) não compreenderia movimentos difíceis. Em outras palavras, o contraponto entre a criança e Baleia serve para destacar o quanto aquele é animalizado, pelo embrutecimento da família, resistindo à seca e à cidade (metaforicamente, “os brancos”) e esta é humanizada, em vista a dureza do contexto resta ao animal doméstico ser o mais humano entre os retirantes em *Vidas secas*.

A descoberta da linguagem pelo menino é fascinante, conforme o exemplo:

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. A-

⁴ Voltaremos a esse fragmento adiante.

gora tinha a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de Sinhá Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permanecia indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.

- Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim (RAMOS, 2010, p.59).

No caso de uma família quase totalmente muda ou “desprovida de linguagem”, como é o caso dos retirantes em *Vidas secas*, a criança emite apenas grunhidos, imita os sons de animais, do vento, da catinga. O poder que a linguagem daria a ele na relação com o irmão e com Baleia seria decisivo, seria capaz de causar inveja no outro menino. Achava a palavra tão bonita, mas não media o significado real dela, tão bonita aos ouvidos, não poderia servir para coisa ruim. Para nos valermos da terminologia de Foucault (2014), entrar na “ordem do discurso” para o menino é se apoderar desse “pedaço de mundo” desconhecido do outro menino. Ou seja, por mais que o mundo dos meninos de *Vidas secas* seja tão desprovido de linguagem, perceber o poder dela em sua constituição permite ao menino entrever o que Foucault (2014, p.10) chama de “sistemas de dominação”: na e pela linguagem está esse poder de que ser apoderar.

Os meninos flagram, durante o inverno, uma “conversa” entre os pais:

[...] ouviam a conversa dos pais. Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: **iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto** (grifos nosso)

Na ausência de vocabulário, de palavras, os dois falavam alto algumas coisas ininteligíveis, esse foi o momento em que se flagrou uma conversa, por assim dizer, mas que não se configurava como tal, já que não se entendiam e nem prestavam atenção ao que o outro dizia (como apontamos anteriormente, Baleia no excerto em que o menino conta uma história esboça reações em contraposição com os humanos). Era só uma troca de palavras em que um não influenciava no outro e realizava apenas um monólogo exteriorizado. Palavras soltas ao vento, grunhidos, sons guturais... Vozes embrutecidas pelo ser-tão.

Considerações finais

Neste trabalho discutimos a obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, à luz de uma abordagem teórica advinda da crítica literária e da análise de discurso social, o objetivo, tal como apontamos na introdução, foi de analisar a hipótese de Alfredo Bosi de que a “dureza é a única máscara” possível no romance de Ramos.

Nessa perspectiva, ao revisarmos a crítica literária de A. Rama (1985) percebemos que a dualidade entre cidade letrada e periferia do poder, tal como formuladas pelo crítico uruguaio, se mostra profícua para analisar como as relações de poder que se dão em *Vidas secas*. A análise que fizemos aponta como Fabiano resiste à hegemonia, embora construa seu discurso por infiltração do discurso hegemônico. Isto é, como sendo caboclo demonstra um desejo de ter uma vida diferente, contudo, ele mesmo refuta a possibilidade, vestindo a máscara da dureza e da linguagem minguada, se embrutecendo.

A análise do discurso social nos permitiu apontar como, na ma-

terialidade da língua, no fio do discurso, o narrador demonstra que a máscara da dureza, sugerida na hipótese de Bosi (2006), é o modo de resistência dos retirantes em *Vidas secas*. Também, pela análise das relações de poder percebemos que os meninos filhos de Fabiano e Sinha Vitoria são sempre designados como embrutecidos, como os pais. Os paralelos das crianças, que lhes fazem contraponto, são sempre os animais: o papagaio, que não falava quase nada como os meninos; Baleia que esboça uma reação à história do menino mais velho enquanto os pais não interagem, produzem apenas grunhidos e interjeições guturais; em outro momento, o narrador compara os meninos com “porcos”, porque viviam brincando na lama.

É possível afirmar, por fim, que a animalização apontada acima para designar as crianças é usada também para designar Fabiano. Em dois momentos da narrativa, nos excertos que mostramos, Fabiano fala em voz alta que é “um homem”, na primeira vez se corrige, na segunda o narrador o retruca: Fabiano não é homem, é “um bicho”, “um cabra”. Por essas questões, a hipótese de Bosi (2006) se sustenta, já que a única maneira de resistir é a dureza, a dureza é a única máscara.

Referências

- ANGENOT, Marc. **O discurso social e as retóricas da incompreensão: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir**. São Carlos: EdUscar, 2015.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAMILO, Vagner. Graciliano Ramos. In. PIZARRO, Ana. **América Latina: palavra, literatura y cultura**. Santiago de Chile: Ediciones Univer-

sidad Alberto Hurtado, 2013.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Almeida. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Enviado em: 15/02/2017

Aceito em: 16/06/2017